

A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO COM ÊNFASE EM GESTÃO E PRÁTICAS EDUCATIVAS EM ESPAÇOS HOSPITALARES

OLIVEIRA, Elaine Cristina Neves de¹
Universidade Estadual do Pará (UEPA)
E-mail: elainejvjp@gmail.com

AGUIAR, Carolina da Silva²
Universidade Estadual do Pará (UEPA)
E-mail: carol.uepa@gmail.com

Educação, Movimento Estudantil e Movimentos Populares: ações políticos-pedagógicas em ambientes não escolares.

RESUMO

O objetivo geral da pesquisa foi buscar um consenso entre teoria e prática das pedagogas nos hospitais, através de suas ações educativas, que visam se ajustar com as especificidades de cada aluno, para que assim, possa haver um aprimoramento no desempenho do profissional pedagogo, em todos os níveis atuantes. A metodologia está fundamentada no conceito e na vivência das pedagogas, que através da aplicação da entrevista, puderam nos relatar suas experiências. No trabalho procuramos destacar, também, que é de extrema relevância os fundamentos e a práxis da humanização no papel do pedagogo nos hospitais, no sentido de garantir o direito da criança ao ensino e aprendizagem, além do universitário, que desenvolve práticas que darão subsídios na sua formação nesses espaços, no mais, todos esses recursos utilizados pretendem compreender o ambiente de atuação do pedagogo hospitalar. Desse modo, procuramos desenvolver uma pesquisa que alia princípios como o método, para conseguir atingir o desempenho e entender as ações educativas nesses lugares, sendo assim, um passo significativo para o reconhecimento de outros papéis, além da formação de pedagogo, mais também, como de gestor.

PALAVRAS-CHAVE: Humanização – pedagogo hospitalar – ações educativas.

PEDAGOGIA HOSPITALAR

1. HISTÓRICO DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

A Pedagogia Hospitalar surgiu durante o período da Segunda Guerra Mundial, momento no qual, muitas crianças e adolescentes, em idade escolar, sofreram graves ferimentos e amputações, o que permitiu a permanência delas por um longo período nos hospitais.

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade do Estado do Pará (UEPA)

² Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade do Estado do Pará (UEPA)

Foi criada em 1935, por Henri Sellier, prefeito de Suresnes, em Paris, a Classe Hospitalar com o intuito de diminuir as grandes consequências causadas pela guerra e levando oportunidade para as crianças de prosseguir seus estudos dentro dos hospitais.

Com a ajuda e incentivo de todos os profissionais, esta classe foi ganhando espaço e reconhecimento dentro da sociedade, se espalhando em outros países como Alemanha e Estados Unidos, que levava a educação para crianças com tuberculose, que na época eram isoladas do convívio social e que não podiam frequentar a escola.

Por volta do ano de 1939, em Suresnes, na França, o Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptadas (CNEFII) surgiu com o objetivo de formar profissionais da educação qualificados para o atendimento às necessidades das crianças em condições hospitalares.

E neste mesmo ano, o Ministério de Educação da França criou o cargo de Professor Hospitalar, pois era muito grande a preocupação com a educação nesta área, alguns documentos foram elaborados na Europa com relação aos Direitos das Crianças Hospitalizadas o que inspirou vários outros registros em diversos lugares do mundo.

Em 13 de maio de 1986, foi aprovado pelo Parlamento Europeu e publicado no Jornal Oficial das Comunidades Europeias, a Carta Europeia das Crianças Hospitalizadas³, na qual, disponibilizava vários direitos às crianças, entre eles:

Direito a prosseguir a sua formação escolar durante o período de hospitalização, tirando proveito pessoal docente e do material didático posto à disposição pelas autoridades escolares, em particular no caso de hospitalização prolongada, desde que a referida atividade não acarrete prejuízo para o seu bem-estar e/ou impedimento aos tratamentos em curso. (EACH, 1986, p. 4).

Ou seja, mesmo que não possa frequentar a escola, a criança e o adolescente devem ser estimulados a continuar seus estudos, para que assim, possam retornar a seu ambiente escolar com resultados positivos.

No Brasil, a primeira Classe Hospitalar nasceu por volta de 1950, na cidade do Rio de Janeiro, no Hospital Menino Jesus, este trabalho se iniciou através das atividades da Professora Lecy Rittmeyer. A maioria dos professores realizava sua função na própria enfermaria dos hospitais, já que não havia espaço específico.

De forma discreta foi se expandindo o número de profissionais envolvidos nessa área, em 1974, alguns hospitais já contavam com algumas salas destinadas a classes hospitalares, logo se tornou crescente o número de atendimentos pedagógicos.

³ Reprodução parcial da Resolução sobre uma Carta Europeia das Crianças Hospitalizadas (Doc. A 2-25/86), publicada no Jornal Oficial das Comunidades Europeias em 13 de Maio de 1986.

No Estado do Pará, o Hospital Ophir Loyola considera-se como primeiro em 2003, com grandes caminhos percorridos nas ações pedagógicas em ambiente hospitalar, garantindo a escolarização das crianças, jovens e adultos durante o tratamento de saúde.

Em 2009, ocorreu o surgimento da Classe Hospitalar na Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará (FSCMPA) e seu anexo conhecido como Espaço Acolher, nasceu em 2011, atendendo na maioria dos casos, pacientes que sofreram escarpelamento, oferecendo abrigo e educação.

Atualmente, existem outras instituições que também oferecem classes hospitalares como a Fundação Hospital de Clínicas Gaspar Viana (FHCGV), o Hospital Metropolitano de Urgência e Emergência (HMUE), a Unidade Especial João Paulo II, em Marituba (região metropolitana de Belém), o Hospital Universitário João de Barros Barreto (HUJBB), a casa de apoio Núcleo de Acolhimento ao Enfermo Egresso (NAEE), este atende em sua maioria pacientes do Hospital Ophir Loyola (HOL), o Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza (HUBFS) e o Hospital Regional Público do Araguaia (HRPA), localizado no município de Redenção, totalizando cerca de 10 espaços hospitalares de tratamento que garante e incentiva o processo educativo nos hospitais.

Compreende-se então que os hospitais que ofertam o atendimento da Classe Hospitalar, em sua maioria, comportam pacientes que precisam ficar internados por mais de quinze dias, alguns com doenças passageiras e outros com patologias para a vida toda, o que ratifica ainda mais a importância de se ter este programa no ambiente hospitalar para que a escolarização do educando seja garantida, independente da idade deste e da situação ao qual se encontra. (LACERDA, 2015, p. 8).

Concluiu-se que a escolarização hospitalar está em andamento e que apresenta um aumento significativo, no que se refere à implantação de escolas em hospitais e instituições voltadas para a recuperação do educando enfermo.

2. O PAPEL HUMANIZADOR DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

Podemos compreender que o papel do pedagogo em ambiente hospitalar, está relacionado à busca de meios ou práticas pedagógicas que visam auxiliar o enfermo, durante estar impossibilitado de continuar seus estudos na escola. Exigindo, assim, deste profissional um cuidado especial, tanto no desenvolvimento da ação, quanto na modificação do espaço e principalmente, de um envolvimento afetivo com o paciente,

para que assim, possa trabalhar em união buscando levar motivação e a recuperação da criança ou adolescente hospitalizado.

A Pedagogia Hospitalar também busca oferecer assessoria e atendimento emocional e humanístico tanto para o paciente (criança/jovem) como para o familiar (pai/mãe) que muitas vezes apresentam problemas de ordem psíquica/afetiva que podem prejudicar na adaptação no espaço hospitalar, mas de forma bem diferente do psicólogo. A prática do pedagogo se dará através das variadas atividades lúdicas e recreativas como a arte de contar histórias, brincadeiras, jogos, dramatização, desenhos e pinturas, a continuação dos estudos no hospital. Essas práticas são as estratégias da Pedagogia Hospitalar para ajudar na adaptação, motivação e recuperação do paciente, que por outro lado, também estará ocupando o tempo ocioso. (WOLF, 2007, p. 2).

Na pedagogia hospitalar é preciso uma prática mais individualizada, pois os alunos internados estão, geralmente, tristes, precisando de algo novo que os instiguem a aprender mais. Logo, procura-se trabalhar de maneira menos formal e mais criativa, trazendo sempre o lúdico para as atividades, atraindo a atenção do aluno que acaba aprendendo os conceitos escolares mesmo sem perceber. Além disso, o trabalho pedagógico procura o bem estar e resgate da autoestima da criança que, ainda que estejam doentes, continuam desenvolvendo o seu cognitivo.

Segundo Leal; Moreira; Contreras (2011, p. 11), “O papel da educação é, assim, o de estimular esta aprendizagem que impulsiona o desenvolvimento humano, tornando o ambiente hospitalar menos hostil”. É nesse contexto, descrito anteriormente, que se considera e justifica uma Pedagogia para a hospitalidade.

Ao transformar o hospital em espaço humanizado, isto é, de hospitalidade, de acolhida e compreensão por meio de práticas humanizadoras, o pedagogo precisa estar à frente ao processo educativo nas situações contextos e tensões sociais, assegurar às finalidades sociais e políticas e os meios apropriados para a formação humana.

Nesse sentido, a ação pedagógica está diretamente vinculada à humanização da sociedade, estando a serviço da criança hospitalizada, do respeito, cuidando e escutando. A intencionalidade pedagógica deve estar direcionada à pedagogia hospitalar, à humanização das relações entre educação e saúde, na atenção integral à criança hospitalizada mediante uma escuta direcionada à promoção de saúde e na processualidade da aprendizagem.

3. A ATUAÇÃO DO(A) PEDAGOGO(A) NA PEDAGOGIA HOSPITALAR

A atuação do pedagogo no ambiente hospitalar é uma nova modalidade de desempenho deste profissional, o hospital é um local onde a aprendizagem pode

favorecer muito a criança ou o adolescente internado, dando a oportunidade dos pacientes continuarem seus estudos sem serem prejudicados na escola regular durante a sua internação. As atividades pedagógicas favorecem o paciente na sua recuperação.

O pedagogo tem o papel muito importante nesse espaço hospitalar, pois ao ser inserido ele tem por finalidade acompanhar a criança ou adolescente no período em que se encontra ausente da escola.

(...) abre-se, com este estudo, a necessidade de formular propostas e aprofundar conhecimento teóricos e metodológicos, visando em atingir o objetivo de dar continuidade aos processos de desenvolvimento psíquico e cognitivo das crianças e jovens hospitalizados (CECCIM; FONSCECA, 1999, p. 117).

Essa nova prática metodológica de ensino dentro do hospital ameniza o sofrimento da criança que se encontra internada. A pedagogia hospitalar é um modo de ensino que visa à ação do educador no ambiente hospitalar, no qual atende crianças ou adolescentes com necessidades educativas especiais transitórias, ou seja, crianças que por motivo de doença precisam de atendimento escolar diferenciado e especializado. Cabe ao hospital buscar alternativas e métodos qualificados que possibilitem aos pacientes usufruírem de abordagens educativas por um determinado espaço de tempo.

Deve haver entre os profissionais relacionados à área da saúde um reconhecimento que as crianças no ambiente hospitalar tem muitas necessidades, além das consultas clínicas, é de extrema relevância um espaço educativo e lúdico para o atendimento dessa realidade. O trabalho pedagógico proporcionará uma aprendizagem, que é um direito previsto na Declaração de Direitos da Criança, da Organização Mundial de Saúde.

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhe facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (Estatuto da Criança e do Adolescente⁴, 1990).

A criança no período de internação passa por um processo de afastamento das suas atividades escolares, isso gera rupturas no seu desenvolvimento escolar, social, afetivo. Logo, percebemos a relevância da ressocialização, no processo de aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo.

A educação hospitalar não se resume em apenas preparar o aluno para voltar às aulas, mas também busca a reintegração do mesmo. A prática pedagógica nesses

⁴ Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990, que dispõem sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

espaços exige uma maior compreensão para que as atividades sejam realizadas de forma lúdica, descontruída.

Entendemos que essa prática pedagógica é para as crianças uma necessidade, pois ao exercer as atividades no hospital, elas se sentem autônomas e responsáveis por darem continuidades aos seus estudos e por si próprias.

4. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste artigo foi de abordagem qualitativa, pois buscou um consenso entre teoria e prática das pedagogas nos hospitais, através de suas ações educativas, que visam se ajustar com as especificidades de cada aluno, para que assim, possa haver um aprimoramento no desempenho do profissional pedagogo, em todos os níveis atuantes.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2009, p. 21).

O método utilizado para pesquisa foi uma visita técnica a Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará (FSCMPA) e ao Hospital Ophir Loyola (HOL), munidos de ofício da Universidade do Estado do Pará (UEPA) a essas duas instituições hospitalares.

O recurso usado foi à entrevista a 03 (três) pedagogas responsáveis pelos setores: Pedagoga A, setor Hemodiálise, Pedagoga B, setor Pediatria, ambas da Santa Casa, e Pedagoga C, Divisão de Educação Continuada, do Ophir Loyola.

PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA:

Pedagoga A, 07 anos de formada, tem formação continuada em Educação Especial e Inclusiva e Docência no Ensino Superior, atua a 07 anos, no Setor de Hemodiálise da Santa Casa.

Pedagoga B, 15 anos de formada, tem formação continuada em Metodologia do Ensino Superior e Educação Especial e Inclusiva, atua a 07 anos, no Setor da Pediatria da Santa Casa.

Pedagoga C, 21 anos de formada, é pós-graduada em Educação Infantil e Pedagogia Empresarial, atua a 06 anos, na Divisão de Ensino de Educação Continuada e Prevenção de Câncer do Hospital Ophir Loyola.

PRÁTICAS EDUCATIVAS PEDAGÓGICAS EM AMBIENTES HOSPITALARES:

Pedagoga A, afirma que não teve experiência com o espaço não-escolar dentro da academia, sua proposta pedagógica é humanizar, transformar o ambiente onde atua, pois sua relação junto ao alunado hospitalizado é de muita receptividade. O processo de elaboração das atividades é de acordo com as séries, as crianças apresentam bastante interesses com as atividades propostas, já que são exercícios motivadores, portanto, nota-se a felicidade dos alunos frente aos profissionais da educação, o que os motiva a realizarem as atividades. Através das práticas dos alunos, são encaminhados relatórios até as escolas de origem, já que a maioria das escolas é distante do hospital.

Declara, também, que outros profissionais são bem receptivos, incentivam os alunos sempre a participarem, a relação familiar é excelente, pois a ligação se torna muito próxima e de confiança, as palestras ajudam as mães a se aproximar, percebe que os objetivos propostos foram alcançados, já que de acordo com o objetivo maior que é a escolarização, algumas crianças aprendem até a ler.

Pedagoga B consegue pedagogicamente refletir sua formação pedagógica dentro do hospital, mas não teve experiência com esse espaço não-escolar incorporado à academia, tem como proposta pedagógica que os alunos dêem continuidade aos estudos, mesmo que estejam doentes, sua relação com o alunado é vista como uma pessoa capaz de aprender e não como um coitado.

O processo de elaboração das atividades educativas se dá através do planejamento a partir dos conteúdos, do 1º ao 5º ano, pois os alunos passam por um sistema rotativo no hospital. Em geral, a relação das crianças com as atividades propostas é muito boa, pois eles avançam nos seus conhecimentos. Revela que tem muita proximidade com os outros profissionais responsáveis pelo trabalho educativo, onde a criança hospitalizada está matriculada, já que muitas delas vêm de outros municípios.

Sua relação com os outros profissionais é muito boa, pois percebem a importância do pedagogo nesses espaços, afirma que não tem muita ligação com a família, por causa da rotatividade das crianças na enfermaria, sua relação é apenas normal e cordial, percebe que os objetivos propostos foram alcançados, pois o trabalho é diário, sendo que o objetivo geral é que os alunos dêem continuidade aos estudos, para que eles possam interagir, a ler.

PRÁTICAS EDUCATIVAS DE GESTÃO EM AMBIENTES HOSPITALARES:

Pedagoga C, sua formação pedagógica reflete dentro da realidade que atua através do conhecimento adquirido, das teorias, da metodologia, da sistematização, já que não teve experiência com esse ambiente hospitalar na academia, sua proposta pedagógica é contribuir para a melhoria dos serviços, capacitação, humanização, sua relação com/para os estagiários é na elaboração de cartazes, inscrição dos candidatos, seleção e acolhimento, as atividades educativas é de acordo com a rotina de cada serviço, principalmente na questão das punições dentro do hospital.

Sua relação com outros profissionais antes não existia, pois o pedagogo era considerado um mero desconhecido, mas agora se senta junto com a equipe para fazer projeto, percebe que os objetivos propostos foram alcançados, a partir do momento que o Mistério da Educação cobra a qualificação, a capacitação e resultado dos serviços, dos cursos.

5. RESULTADOS

Nome:	Pedagoga A	Pedagoga B	Pedagoga C
Profissão:	Pedagoga	Pedagoga	Pedagoga
Tempo de formação:	07 anos	15 anos	21 anos
Formação continuada:	Educação especial e inclusiva e docência no ensino superior	Metodologia do ensino superior e educação especial e inclusiva	Pós-graduada em educação infantil e pedagogia empresarial
Tempo de exercício no hospital:	07 anos	07 anos	06 anos
Espaço de desenvolvimento de suas funções:	Hemodiálise	Pediatria	Divisão de Ensino de Educação Continuada e Prevenção de Câncer.
Como se reflete sua formação pedagógica dentro da realidade que atua?	Afirma que não teve experiência com esse espaço dentro da academia.	Consegue pedagogicamente, mas que não teve experiência com esse espaço dentro da academia.	Conhecimento, teorias, metodologia, sistematização, não teve experiência com esse ambiente.
Qual sua proposta pedagógica?	Humanizadora, transformadora.	Continuidade aos estudos, mesmo que estejam doentes.	Contribuir para a melhoria dos serviços, capacitação, humanização.

Como se dá sua relação junto ao alunado?	Receptividade.	Como pessoa capaz de aprender e não como coitado.	Relação com os estagiários, elaboração de cartazes, inscrição dos candidatos, seleção e acolhimento.
Como se dá o processo de elaboração das atividades educativas no contexto hospitalar?	De acordo com as séries.	Planejamento a partir dos conteúdos, do 1º ao 5º ano, pois é um sistema rotativo.	A rotina é de acordo com cada serviço. A questão das punições.
Como é a relação das crianças com as atividades propostas?	Apresentam interesses, as atividades são motivadoras, nota a felicidade dos alunos frente aos profissionais da educação, geralmente os alunos fazem as atividades.	Em geral eles gostam muito, pois avançam nos seus conhecimentos.	
Como se dá a relação entre o pedagogo hospitalar com os outros profissionais responsáveis pelo trabalho educativo com a escola, onde a criança hospitalizada está matriculada?	Através de relatórios, visto que a escola de origem é distante do hospital.	Não tem muita proximidade, pois os alunos são de outros municípios.	
Como ocorre o processo realizado pelo pedagogo com outros profissionais ligados área da saúde?	São bem receptivos, incentivam os alunos sempre a participarem.	Muito bons, pois percebem a importância do pedagogo nesses espaços.	Antes não existia, um mero desconhecido, mas agora se sentam juntos pra fazer o projeto.
Como se dá seu trabalho social com os familiares do mesmo e a contribuição desta ação socioeducativa na vida e na recuperação clínica das crianças e	A relação familiar é excelente, ligação muito próxima e de confiança. As palestras ajudam as mães a se aproximar.	Não tem muita ligação com a família, por causa da rotatividade na enfermaria. Relação normal, cordial.	

adolescentes enfermas?			
Dentro do trabalho pedagógico que é realizado no hospital, como você percebe que os objetivos propostos foram alcançados?	Dentro do objetivo maior que é a escolarização, algumas aprendem até a ler.	O trabalho é diário, objeto geral é que os alunos de continuidade aos estudos, para que eles possam a interagir, a ler.	O mistério da educação é cobrar a qualificação, capacitação e resultado dos serviços, dos cursos.

O uso da entrevista com as três pedagogas teve como ênfase fazer uma abordagem da atuação delas no ambiente hospitalar e através da visita técnica uma nova visão do que é entendido como pedagogia hospitalar, fazendo a conciliação do que é estudado na academia com a aplicação na prática.

Desta maneira, surge a integração entre teoria e realidade, já que a educação ocorre em muitos lugares, com a formação e a capacidade do pedagogo para atuar, nos mais diversos ambientes.

6. CONCLUSÃO

Através desta pesquisa, buscamos fazer uma análise do que é pedagogia hospitalar, suas perspectivas com o trabalho educativo e humanizado. Sendo que neste ambiente vivenciamos como ocorre essa formação pedagógica, a escolarização nesse espaço e identificamos a relação do que é dito na teoria e aplicado na prática pelos docentes.

7. REFERÊNCIAS

CECCIM, R. B.; FONSECA, E. S. **Atendimento Pedagógico-Educacional Hospitalar: Promoção do Desenvolvimento Psíquico e Cognitivo da Criança Hospitalizada.** In: Temas sobre Desenvolvimento, v. 8, n. 44, p. 117, 1999.

EACH. Resolução sobre uma Carta Europeia das Crianças Hospitalizadas, 1986. **Revista Científica Eletrônica Intr@ciência da FAGU - Faculdade do Guarujá**, 12. ed. UNIESP: 2016.

Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990): Esquema, quadros, legislação, jurisprudência e mais de 200 questões gabaritadas. Alumnus: 2015.

LACERDA, Flávia. **Construção das Classes Hospitalares no Estado do Pará.** PUCPR. 2015.

LEAL, G. C.; MOREIRA, E. Q.; CONTRERAS, H. S. H. **Humanizar as Relações entre Educação e Saúde?** Por uma Pedagogia para a Hospitalidade. II Congresso de Humanização I Jornada Interdisciplinar de Humanização. Curitiba: 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANTES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social:** Teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

WOLF, Rosângela Abreu do Prado. **Pedagogia Hospitalar:** A Prática do Pedagogo em Instituição não-escolar. 3. ed. 2007. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/viewFile/3836/2714>. Acesso em: 14 de maio de 2017.